

Confiança e medo na cidade: uma reflexão sobre o espaço urbano

Trust and fear in the cities: a reflection about the urban space

Adriano Albuquerque BARRETO*

Solange Aparecida Barbosa de Moraes BARROS**

Resumo: É necessário entender em que contexto a cidade contemporânea está inserida. O planejamento urbano, quando submetido apenas a questões imediatas, não responde às demandas dos habitantes da cidade. Uma cidade democrática, onde as relações interpessoais sejam também consideradas no planejamento e na gestão urbana, é o que Bauman nos traz em suas reflexões no livro *Confiança e medo na cidade*. Para Bauman, as contradições das cidades provocam a sensação de medo. Estabelecer proximidade entre os habitantes através de espaços convidativos para convivência é uma das tarefas elencadas pelo autor para que a confiança reaja frente ao medo incorporado pelas cidades contemporâneas. A presente resenha tem por objetivo apresentar os recursos de análise usados por Bauman para substanciar o debate do espaço urbano enquanto política de gestão participativa e democrática.

Palavras-chaves: Medo. Cidade contemporânea. Espaço urbano.

Abstract: It is necessary to understand the context in which the contemporary city is inserted. When subjected only to immediate issues, urban planning does not answer to the needs of the inhabitants of the cities. A democratic city where interpersonal relationships are also considered in urban planning and urban management is what Bauman presents us on his reflections in the book *Trust and Fear in the Cities*. For Bauman, the contradictions found in the cities bring about the sensation of fear. Creating proximity between people by providing spaces for coexistence is one of the means mentioned by Bauman that could generate trust as a reaction to the fear incorporated by today's cities. This review aims at presenting the tools that Bauman uses in his analysis to substantiate the discussion regarding the urban space as a policy of participatory and democratic management.

Keywords: Fear. Contemporary city. Urban space.

Recebido em: 18/11/2009. Aceito em: 20/04/2010.

* Licenciado em Geografia e acadêmico de Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisador do Pibic/CNPQ, no grupo de pesquisa –Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão na área da Infância e Juventude/UEPG. E-mail: jahprovera@hotmail.com

** Prof. Dr^a. do Curso de Serviço Social/coordenadora do Nepia (Núcleo de estudos, pesquisas, assessoria e extensão e na área da infância e adolescência) e do mestrado em Ciências Sociais Aplicadas/UEPG.
E-mail: solangebarros@brturbo.com.br

1 Introdução - Confiança e medo na cidade

A obra *Confiança e medo na cidade*, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, foi lançada na Itália em 2005, sendo traduzida e lançada no Brasil em 2009, pela Jorge Zahar Editor. O autor procura identificar na obra características da sociedade moderna que causam os temores da cidade contemporânea. E por que “características da sociedade moderna” especificamente? A resposta está logo no primeiro capítulo do livro: a sociedade moderna pode ser entendida como a sociedade do nosso tempo, ou seja, aquela em que além do medo dos fenômenos naturais a que o homem é destinado, há certo medo advindo do que Bauman chama de miséria social.

A miséria social referida acima se torna evidente nas cidades modernas; de um lado, os ricos tornam-se cada vez mais ricos e, de outro, os pobres afundam na pobreza e são destituídos de um sistema de proteção social. A insegurança de hoje, afirma Bauman, causa constrangimento nas pessoas não pela falta de segurança, mas pela inconsciente busca pela mesma.

O mito da segurança, em termos sociais, sempre foi combatido na perspectiva da previsão, previsão essa usada no sentido de controle da situação. O insucesso desse controle por meios racionais, segundo Bauman, nos faz “*imaginar manobras hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo de nossa cama*”. (BAUMAN, 2009 pg. 15).

Bauman, dialogando primeiramente com Castel, identifica duas características da sociedade moderna que viabilizam o aprofundamento do medo nas cidades. Uma delas é a supervalorização do indivíduo e a outra é a fragilidade e vulnerabilidade desse mesmo indivíduo. Desses dois pontos, o autor nos leva à compreensão de que há uma dissolução dos antigos laços naturais, e que os novos laços são fundamentados na cooperação que foi instituída pela solidariedade do Estado Social. Como no Estado Social houve mais proteção individual do que redistribuição da riqueza, esse também tem se diluído por ser uma construção artificial que não tem dado conta da sociedade de hoje.

Obviamente que o Estado Social, a nosso ver, no que se trata de Brasil, é questionável

– entretanto, sua fala em relação a esse item se refere mais à passagem de um Estado Social para um Estado de Segurança, no qual, segundo ele, a indústria da segurança torce pelo desmantelamento do Estado Social e pode ser beneficiada por ele. Estado esse que, não só na visão de Bauman, mas também de outros autores, teria abandonado os compromissos com a proteção social dos indivíduos.

É nesse ponto que Bauman chama nossa atenção para a causa do medo moderno. Os indivíduos trocaram sua irmandade pela solidariedade, ou seja, o que era considerado natural foi absorvido pelo artificial; os sujeitos que hoje são globais demandam uma nova rede de proteção. Nesse sentido, afirma que a chamada desregulamentação ou redução do controle social torna-se fato, sendo ele a causa do medo moderno.

Na “*desregulamentação individualista número dois*” aprofundamos a supervalorização do indivíduo, assim como a fragilidade e vulnerabilidade do mesmo, outrora amenizadas pelo Estado Social. Nas palavras de Bauman (2009, p. 21): “*A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformaram, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos de direito; mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos de fato.*”

O fato é que percebemos uma ausência do Estado enquanto definidor ou catalisador dos interesses coletivos. Aqui, nos parece que a saída não colocada por ele, mas pensada a partir da nossa construção teórica baseada em outros autores, é uma organização da sociedade civil em defesa dos interesses da maioria.

O Estado se mobiliza na medida em que percebe que suas contradições são expostas; parece-nos que o desafio está em mobilizar a sociedade em defesa de uma ética, como diz Bauman (Ibidem). Contudo, nos parece um desafio ainda maior mobilizar essa sociedade para um eixo comum.

Outro problema considerado por ele com relação ao medo nas cidades modernas é o reaparecimento das chamadas “classes perigosas” com uma nova roupagem. A antiga classe perigosa é caracterizada pela exclusão temporária

do trabalho. Enquanto a reinserção dos desempregados era o objetivo do Estado Social, era como se houvesse esperança de grande parte dos excluídos serem incluídos. As classes perigosas do nosso tempo, segundo Bauman, são definitivamente colocadas à margem da sociedade, como se a própria sociedade quisesse se livrar-se delas. Incapazes de se adaptarem às novas demandas do mercado, esses indivíduos passam de temporariamente excluídos para definitivamente excluídos, inclinados ao crime ou ao estigma de subclasse. Com isso, o medo marca a cidade quando as relações entre as pessoas se tornam mais frias.

Bauman (Ibidem) segue a reflexão apontando para as consequências globais no espaço local. Para o autor, há certo distanciamento entre as pessoas que têm acesso ao global (através das redes de informação) e aquelas pessoas que “são condenadas a permanecer no local”. (Ibidem, p. 27)

As consequências desse fato levam determinado tipo de pessoa a ter uma atitude de indiferença quanto ao espaço local. Bauman (Ibidem, p. 27) considera que “as pessoas de primeira fila não se identificam com o lugar onde moram”. Essas pessoas possuem maior mobilidade quanto ao espaço físico e quanto ao ciberespaço, o que lhes proporciona independência e capacidade de se afastar dos projetos ou problemas locais.

Já o segundo tipo de pessoas, que é condenado a permanecer no local, possui um vínculo maior com o lugar. Como se não tivesse escapatória, a sua vida está no local e a disposição para as questões locais é mais perceptível.

Nesse sentido, o antagônico global/local se torna identificável nas concepções de mundo e, logo, determina a agenda política. A discussão que Bauman (2009, p. 32) coloca então, partindo da mesma posição que Castells, é a consideração de que as “políticas (estão) cada vez mais locais num mundo estruturado por processos globais”.

Em outro ponto, pondera: “As cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização”. (Ibidem, p. 32) Nessa perspectiva, podemos entender que as políticas locais são insuficientes para resolver os proble-

mas da cidade, principalmente com relação ao medo e a segurança.

Os elegantes modelos da vida urbana, construídos com a ajuda de contraposições nítidas, podem proporcionar muitas satisfações aos construtores de teorias, mas na prática não servem de muita coisa para os planejadores urbanos, e menos ainda para os habitantes que enfrentam os desafios da vida nas cidades. Os poderes reais que criam as condições nas quais todos nós atuamos flutuam no espaço global enquanto as instituições políticas permanecem, de certo modo, “em terra”, são “locais”. (Ibidem, p. 30)

A demanda por segurança apresenta então a concepção espiritual e a concepção física, a desconfiança do que se apresenta diferente nos leva a imaginações hostis, criando uma postura “mixofóbica”.¹ Os espaços se tornam cada vez mais privados e cada vez mais heterogêneos.

A problemática colocada por Bauman (Ibidem) caminha no sentido das reflexões usadas por Richard Sennett, quanto à proposição de que a aversão aos estrangeiros cria subjetivamente nas cidades a “sensação do nós”, ou seja, aqueles relacionamentos que nos são práticos são os que mais nos conquistam. Essa “sensação do nós” faz com que a sensação de olhar para o outro seja motivo de medo. Quanto mais aprofundamos a “sensação do nós” mais estamos dispostos a fugir do outro.

De outro ponto de vista, é possível afirmar que, se por um lado a cidade repele, por outro as diferenças chamam a atenção. A heterogeneidade é um dos poderes de sedução das cidades modernas. Nesse caso, como explorar essa ambiguidade de forma que as cidades se apresentem mais confortáveis e mais seguras?

Por fim, Bauman (2009) apresenta ao planejamento urbano uma sugestão. Como na cidade moderna não há apenas um polo negativo, é necessário que forcemos a confiança na cidade. Para o autor, o planejamento arquitetônico e urbano tem em mãos instrumentos que podem facilitar o cultivo de sentimentos mixófilos, o que torna a cidade mais confortável e se-

¹ De acordo com Bauman (2009, p. 43), medo de se misturar.

gura. É nesse sentido que coloca sua estratégia de difundir

[...] espaços públicos abertos, convidativos, acolhedores, que todo tipo de cidadão teria vontade de frequentar assiduamente e compartilhar voluntariamente de bom grado. (Ibidem, p. 50)

Pelo que foi visto, o desafio que se coloca nas cidades contemporâneas para superar o medo é alcançar uma cidade democrática e tolerante, que proporcione aos habitantes confiança. Finalizando com um conceito usado por Hans Gadamer, Bauman (Ibidem, p. 50) conclui que a “ *fusão de horizontes* ” é uma das condições para que as cidades se tornem mais seguras, ou seja, a “ *experiência compartilhada* ” na construção das cidades parte da disposição dos habitantes para a partilha do espaço.

2 Buscar abrigo na caixa de Pandora: medo e certeza na vida urbana

Bauman (Ibidem) principia o segundo capítulo de seu livro com alguns conceitos que podemos considerar chave: a ficção de segurança e a instabilidade do terreno das nossas vidas. Para o autor, a promessa do progresso, ao invés de ser cumprida, acabou criando mais insegurança. O medo nos cerca mesmo sem dar as caras e as trincheiras são abertas mesmo sem que sejamos ameaçados. As novas tecnologias criaram mais receio. O receio de sermos deixados para trás num mundo informatizado e as transformações tecnológicas na área da saúde nos fazem recorrer cada dia mais a tecnologia e aos exames de rotina.

O nosso medo tem vida própria e já se alimenta sozinho. Além do vício do medo, contribuem para a disseminação do mesmo o que Bauman (Ibidem) chama de “ *capital do medo* ”. O capital do medo é uma parcela do mercado que lucra com o medo. A instauração de uma lógica do medo, ou mesmo de uma cultura do medo, é fonte de lucros para o mercado de segurança. A demanda por segurança é cada vez maior e a crítica que o autor faz a essa demanda sugere uma questão: Até que ponto este medo é criação social?

A globalização é determinante no processo de construção do medo nas cidades. O monopólio e a competitividade das corporações no mercado mundial causam esse tipo de situação: cidades como refúgios de trabalhadores agrícolas “atraídos não por algo real, mas por uma esperança”. (BAUMAN, 2009).

Quando falamos de arquitetura no contexto urbano, o medo dos estrangeiros faz jus a uma nova lógica associada ao medo. Como a cidade se tornou vítima da ficção por segurança, instaura-se a “arquitetura do medo”. As comunidades muradas, ou, como aqui no Brasil as conhecemos, os condomínios fechados, são a principal expressão da arquitetura do medo. Citando Diken e Laustsen, Bauman (2009, p. 71) sintetiza seu pensamento:

[...] o milenar “vínculo entre civilização e barbárie se inverteu. A vida nas cidades está se convertendo em um estado de natureza caracterizado pela regra do terror e pelo medo onipresente que a acompanha”.

Para Bauman (Ibidem), a uniformidade dos planejamentos urbanos com vista à segurança gera insatisfação e tédio. Para mostrar isso, ele cita o exemplo da cidade de Estocolmo. Pela apresentação que faz da cidade, ela teve grandes avanços quanto a moradias adequadas, que levavam em consideração tanto a segurança quanto a beleza e o conforto. O problema surge quando novas gerações tomam conta da cidade. A juventude não adequada às moradias sofre com o tédio que o “comum” proporciona.

A flexibilidade e a fluidez do espaço urbano são as demandas hoje colocadas para concretização de um planejamento que tenha sentido em uma sociedade dinâmica. O sucesso do planejamento está em proporcionar interatividade entre as pessoas ao invés de criar ilhas de segurança. A efetividade de um planejamento, pelo menos que seja adequado a demanda democrática do espaço urbano e público, corre no sentido de ajustar a cidade à convivência e às diferenças.

3 Viver com estrangeiros

O último capítulo do livro *Confiança e medo na cidade* é uma transcrição de uma pales-

tra proferida por Bauman em Milão. O título “Viver com estrangeiros” sugere que a convivência nas cidades e a demarcação de fronteiras não são fatos restritos ao espaço local. Primeiro porque, na mesma lógica dos capítulos anteriores, Bauman (Ibidem) continua frisando que a cidade é um depósito dos problemas globais.

Os estrangeiros aos quais Bauman (Ibidem) se refere são “*gentes supérfluas*” obrigadas a vir para os centros urbanos, sendo chamados por ele de “*imigrantes econômicos*”. O modelo econômico da modernidade, considerando especificamente a Europa do século XIX, sempre produziu essa gente supérflua, no entanto, como as regiões do globo da América do Norte, Sul da África, Austrália e Nova Zelândia ainda eram territórios pouco habitados, o deslocamento da massa supérflua era balanceado (BAUMAN, 2009, p. 81). Com a economia global articulada dos dias de hoje, a pobreza é gerada em todos os lugares sem que haja um espaço de exclusão específico em territórios de grande escala. A cidade é assim o próprio espaço de exclusão daqueles que sobram no modelo econômico moderno.

Considerando esse quadro das cidades desenhado por Bauman, podemos entender que a demarcação de fronteiras e a construção delas na cidade é uma das “misteriosas forças da globalização”. Como responder então às demandas da cidade contemporânea diante do impasse estrutural?

Bauman (Ibidem) volta a assinalar a importância do conceito de mixofilia. Para o autor, já que quanto mais os homens se isolam mais diminui a capacidade de se lidar com os estrangeiros, considerando aqui estrangeiros como sujeitos de diferentes perspectivas de vida, a solução estaria em aproximar as pessoas através das minúsculas interações cotidianas.

A busca por transformar o espírito da cidade tornaria humana a comunidade dos homens, o que, por sua vez, tornaria possível ser diferente e viver junto (Ibidem, p. 88-89).

4 Considerações finais

Os problemas das cidades, como já assinalado acima por Bauman (Ibidem), não podem

ser resolvidos apenas na dimensão local. No Brasil de hoje, a ideia de gestão urbana participativa tem estrutura jurídica e a política urbana vem se consolidando de maneira significativa. Contudo, a política urbana apenas como política local não se resolve de maneira efetiva em um mundo globalizado. Cabe aos gestores urbanos desenvolver instrumentos compatíveis com as transformações da sociedade. É essa consideração do global/local que perpassa as reflexões de Bauman (Ibidem), nos levando à compreensão de que as contradições da cidade contemporânea são contradições também do modelo econômico global associado a concepção de mundo gerado por ele nos habitantes das cidades. Dessa forma, a gestão urbana além de gerir recursos e implementar obras, deve refletir sobre questões ainda não exploradas, ultrapassando o caráter pragmático através da política urbana.

O texto de Bauman (2009) traz, a nosso ver, grande contribuição às Ciências Sociais, uma vez que esse autor apresenta inquietações e questionamentos sobre a sociedade contemporânea, muitas das quais partilhamos. Talvez o grande legado desse sociólogo seja o de buscar deter seu olhar na vida do cotidiano, naquilo que passa diante de nossos olhos sem que muitas vezes nos demos conta. Parece-nos que muitos pontos de sua obra são passíveis de questionamentos, como aqueles referentes à ausência de participação social, ou à violência e segurança; pensamos que tais fatos são existentes, mas que atualmente a motivação é mais objetiva, mais prática, reforçando sua tese de que o acesso a informação é ponto de controle.

Referência

BAUMAN, Zygmunt, **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.